

O mal-estar na televisão

A violência e o terror cotidianos, na democracia, tomaram o lugar da coerção, pelo Estado autoritário, no controle sobre a população

MAKELY *

As sociedades civis contemporâneas vivem hoje um momento delicado de conflito com o poder constituído do Estado. Esse conflito, em alguns momentos apenas insinuado, em outros deliberadamente declarado, está relacionado à questão da *necessidade do uso da força e do abuso da força* pelo Estado, uma vez que ele é o detentor do monopólio legítimo desse uso. Historicamente o fortalecimento do Estado tem sido acompanhado por sua interferência cada vez mais ostensiva na vida do cidadão comum. Sob pretexto de protegê-lo, o Estado passou a controlar cada passo do indivíduo. A gama de serviços prestados foi ampliada gradativamente, o que, se por um lado gera conforto e segurança, por outro cria uma dependência que declina em passividade. Esta é geralmente cômoda para os governantes, que passam a agir sem restrições, dando margem à proliferação da corrupção. A passividade, sobretudo, fere os princípios da cidadania, que exige dos indivíduos participação ativa na vida pública, seja pressionando, exigindo ou reprovando.

É nesse sentido que a sociedade civil, entendida aqui como esfera das relações do indivíduo no âmbito familiar, no trabalho, na escola ou na comunidade, exerce duplamente a função de juiz e advogado de acusação contra o Estado. A sociedade civil é, ao mesmo tempo, o contrapeso e o fiel da balança onde se equilibram as forças num Estado democrático. Esse campo de forças antagônicas, todavia, foi mapeado e de certa forma até previsto em sua configuração atual, ainda no século XVI, por Maquiavel. Com efeito, mais do que simplesmente identificar o conflito, Maquiavel intuiu que é justamente daí que brota a liberdade na república. Partindo do exemplo de Roma, o florentino concluiu que "a desunião entre o povo e o senado foi a causa da grandeza e da liberdade da república romana" (*Discorsi*, livro I, cap. IV).

Sob outra perspectiva, esta mesma questão seria retomada, então, no século passado, por Freud, quando da publicação do *Mal-Estar na Civilização*. Com efeito, ele vai exatamente ao ponto, ao identificar um conflito irreconciliável entre as necessidades do instinto e as restrições impostas pelo Estado em nome da civilização, mais especificamente no que toca ao desenvolvimento da sexualidade. A repressão dos instintos, incluindo a negação do prazer, já foi incorporada de tal forma à nossa vida que muitas vezes sequer nos damos conta dela. Freud vai identificar desde a imposição de uma postura ereta até a substituição do olfato pela visão como sentido dominante. É interessante perceber a intenção dessa substituição estratégica, considerando que o instinto sexual dos mamíferos em geral está diretamente relacionado ao odor dos corpos. A repressão se associa à manutenção das relações sociais, às exigências de uma vida em sociedade, ou o que

A passividade fere os princípios da cidadania, que exige dos indivíduos participação na vida pública

Maquiavel vai chamar de manutenção da ordem social. No entanto, é identificada como fonte geradora dos sentimentos de culpa, o principal entrave, segundo Freud, no desenvolvimento dessa mesma civilização. Efetivamente, Freud não pretende negar a civilização, mas alertar para a necessidade de redução dos mecanismos de repressão, sob pena de que esses mecanismos de "preservação" acabem por tornar a vida do homem insuportável. Com efeito, se olharmos em nossa volta, é fácil detectar um ambiente cada vez mais carregado, mais tenso, mais ameaçador. Como que confirmando as previsões catastróficas de Freud, a repressão dos instintos nos está levando à barbárie. É como se o tiro tivesse saído pela culatra, pois a negação do prazer engendra o desejo de destruição.

Se recorrermos à história da civilização nos últimos 70 anos, ou seja, a partir da publicação do *Mal-Estar*, salta aos olhos a atrocidade e frequência das guerras que marcaram esse período, com milhões de vidas sacrificadas. Só a título de ilustração, comecemos com o início do terrorismo político na União Soviética no período stalinista; ainda nos anos 30, a ascensão do nazismo alemão e do fascismo italiano; a Guerra Civil Espanhola de 1933 a 1939; a guerra do Japão contra a Coreia e China, que desembocou na Revolução de 1949; a anexação da Renânia dos Sudetos e da Áustria pela Alemanha Fascista; a guerra de conquista da Abissínia pela Itália fascista; a II Guerra Mundial, que envolveu pela primeira vez a população civil em âmbito mundial, incluiu o Holocausto, os bombardeios de Hamburgo e Dresden e ainda o bombardeio nuclear de Hiroshima e Nagasaki; a Guerra da Coreia e as Guerras de Libertação Nacional, na África e na Ásia; o início dos conflitos armados entre judeus e palestinos, que dura até nossos dias; a Guerra de Libertação da Argélia; a Revolução Cubana, em 1959; a anexação do Tibete à China comunista; as intervenções armadas dos Estados Unidos na Guatemala e na República Dominicana; as da União Soviética na Polónia, Hungria, Checoslováquia, e depois no Afeganistão; as guerras do Vietnã, Laos e Camboja; a guerra civil iugoslava, envolvendo a Sérvia, Bósnia, Croácia e Kosovo; as recentes guerras étnicas e religiosas na África, em Uganda, Ruanda, Burundi, Congo, Argélia, Serra Leoa, Libéria, Sudão, Lesoto, Guiné-Bissau e outros; a Guerra do Golfo, a guerra Irã-Iraque; e a tensão armada Paquistão-Índia; a guerra religiosa na Irlanda, que atravessa o século insolúvel.

Não que as guerras sejam exclusividade de nossos tempos. Ao contrário, são inerentes à história da humanidade. No entanto, o homem nunca viveu um momento tão crítico, a ponto de colocar em risco sua própria existência no planeta. A guerra nuclear pode ser entendida como uma forma de exteriorização de um desejo inconsciente (e coletivo) de destruição apocalíptica, de autodestruição. O fim da Guerra Fria, ao menos temporariamente, frustrou as expectativas de uma catástrofe atômica iminente. Contudo, uma nova conjuntura se formou, e deu novo "sentido" à vida, ou melhor, reformulou velhos e criou novos objetos de desejo. É nessa perspectiva que podemos encarar o fenômeno da globalização, forma "civilizada" de instituição do desejo de destruição, que pode estar voltado tanto para um país, como o Afeganistão ou o Iraque, quanto para uma cultura inteira, como a árabe-muçulmana, ou para um indivíduo, que eventualmente pode ser o seu colega de trabalho. A instauração da competitividade em âmbito mundial, no nível social e no individual, nada mais é que uma nova velha forma de manifestação dos desejos de destruição e de morte.

Uma vez que as artes, a ciência e a filosofia falharam no sentido de satisfazer seus desejos, o homem tenta desesperadamente encontrar válvulas de escape, como as drogas, a pornografia, ou simplesmente o consumo desenfreado do que quer que seja. São tentativas, invariavelmente ineficientes, de sublimar os desejos. Não é por acaso que o consumo de drogas está entre os principais problemas enfrentados pela nossa civilização. Ele vem de tempos imemoriais, consta da história cultural das mais diversas sociedades, e no entanto, nunca constituiu um problema social.

Mas se a sociedade não permite a criação de mecanismos eficientes de sublimação dos desejos, ela os tantaliza. Assim, são oferecidos modelos ideais; de desempenho, de beleza, de comportamento etc. O vultubre desses ideais, se por um lado estimula a libido, por outro gera frustração, ressentimento perpétuo que, na verdade, só faz retroalimentar o desejo de destruição mascarado pela hipocrisia de uma competitividade sadia. Se o oponente não for destruído, o desejo saciado provisoriamente até o próximo desafio, o instinto encontra um jeito de compensar a insatisfação, geralmente na forma de uma neurose.

Detectamos as mais diversas neuroses, a maioria típica de nossa civilização, como o encarceramento em troca de segurança, a intolerância com relação ao outro, ao diferente, a compulsão quase doentia de se exibir ou se humilhar diante das câmeras e de conhecer detalhes da intimidade alheia, como se vê nos chamados *reality shows*. Tudo isso parece confirmar amargamente a tese que Freud deixa entrever no *Mal-Estar*, apesar de negar sua conotação profética, de uma civilização cada vez mais neurótica, a caminho da barbárie: "Os homens adquiriram sobre as forças da natureza tal controle que, com sua ajuda, não teriam dificuldades em se exterminar uns aos outros, até o último homem. Sabem disso e é daí que provém grande parte de sua atual inquietação, de sua infelicidade e de sua ansiedade". (*O Mal-Estar na Civilização*, p. 147)

Talvez seja este o momento de retornarmos a Maquiavel, pois essa força repressora exercida pelo Estado, segundo ele, não possui, por si, capacidade de ordenação.

O que garantia a ordem num primeiro momento era a religião, não pela fé, mas pelo medo. O medo é o elemento real que garante a ordem social e a permanência, a sustentação do corpo político. A violência urbana é um elemento desagregador da ordem social, por lançar o homem num estado de natureza, um estado primário de luta pela sobrevivência. É a barbárie, a guerra civil robesiana. Isso acontece quando o Estado perde a capacidade de exercer o medo. A Igreja Católica instituiu a Inquisição para conter o avanço herético que ameaçava seu poder temporal. Foi a instauração do terror na idade das trevas. Hoje, numa conjuntura não menos obscura, o Estado democrático não é mais capaz de exercer o medo e se institui, então, o Estado totalitário, em que o medo é substituído pela violência e pelo terror.

Diante desse quadro funesto, encontramos em Maquiavel duas saídas, ou antes, dois alertas: a restauração do medo, que poderia surgir, por exemplo, diante de uma nova ameaça de aniquilação total da espécie, como uma guerra nuclear, um vírus desconhecido ou um meteoro gigante em rota de colisão com a Terra, ou, o que parece mais viável, porém menos provável, a atuação ostensiva dos diversos segmentos da sociedade civil, como ONGs, associações comunitárias, grupos e movimentos sociais organizados em massa, no sentido de restituir o instável equilíbrio de forças num Estado desordenado pela violência.

* Makely é poeta e compositor



De Cildo Meireles, "Espelho Cego": a opacidade de um mundo que tem compulsão em exibir a intimidade e a intolerância entre os homens

REPRODUÇÃO

Diante desse quadro, chegam a soar irônicas declarações como a da Unesco, em 1986, segundo a qual "é cientificamente incorreto afirmar que a guerra, ou qualquer outro comportamento violento, está geneticamente programada na natureza humana", ou então o slogan inscrito nos bombardeiros norte-americanos durante a Guerra Fria: "Peace is our occupation". Poderíamos reafirmar tais posicionamentos simplesmente com uma citação dos *Cantos de Maldoror*, se não quiséssemos apontar justamente a incoerência de tais discursos, que ignoram ou mascaram uma natureza humana selvagem, desumana. Nas palavras de Maquiavel: "Os homens só fazem o bem quando é necessário; quando cada um tem a liberdade de agir com abono e licença, a confusão e a desordem não tardam a se manifestar por toda parte. Por isto se diz que a fome e a miséria despertam a operosidade e as leis tornam os homens bons".

Mas em contrapartida são essas mesmas leis, que deveriam forçosamente torná-los bons, as responsáveis, segundo Freud, por sublimar o desejo inconsciente de destruição no atual estágio de civilização do homem. A importância da publicação, em 1930, do *Mal-Estar na Civilização*, foi trazer do campo político-filosófico para o âmbito científico a discussão sobre os instintos de destruição e morte iminentes à espécie humana. Até então, a agressividade e propensão à guerra e à violência eram consideradas pelas ciências naturais antes um desvio de conduta, uma negação da natureza que uma atitude própria do homem.

c
m
y
k



A
Z
U
L

M
A
G
E
N
T
A

A
M
A
R
E
L
O

P
R
E
T
O

c
m
y
k

